



Antes de vir ao Rio, no seu último dia em Brasília, Sting, de short e toalha, toma banho de sol na piscina do Hotel San Marco para se recuperar das picadas que os mosquitos da Amazônia deixaram em suas pernas e costas

# O Sting já está em Londres com 300 picadas de insetos pelo corpo e uma idéia fixa na cabeça: voltar logo repouso do guerreiro

ISABEL CRISTINA MAUAD

Ele, que chegou ao Brasil feito um cara-pálida e retornou a Londres, 12 dias depois, como um pele vermelha, levou no corpo as marcas da passagem pela selva brasileira: "cem picadas numa perna, cem na outra e uma lua cheia nas costas". Atormentado pelos insetos da selva amazônica, onde passou uma semana, o roqueiro Sting, porém, mesmo sem guitarra, não perdeu o reboledo: plantou uma Fundação para prosseguir seus objetivos de defesa dos índios e da Amazônia e ainda saiu fazendo piadas das críticas que recebeu. Afinal, como disse, se o Presidente americano nunca o receberia, o brasileiro, com isto, "fez pontos a seu favor". E de tudo que por aqui viveu, de só uma coisa se ressentiu: "de haverem publicado que fui expulso do Xingu pelos índios, uma grande e inútil mentira".

Chamado de o "índio-roqueiro", o inglês Gordon Matthew Summers (Sting), de 37 anos, fez suas malas na última quinta-feira, quando embarcou para Londres, com o sentimento de quem, afinal, fechou com lucro suas contas ecológicas. Apesar de, à primeira vista, ter dado a impressão de que havia se embrenhado na selva brasileira. Dela, apesar das ferroadas, ele saiu com disposição para

novas explorações. Tanto que já marcou data de retorno: em junho, para prosseguir na campanha de defesa dos índios e do verde.

Dizendo-se agitado, excitado e ansioso com a criação da Fundação Mata Virgem, que tem por objetivo ampliar e demarcar o Parque Indígena do Xingu, Sting ainda armazenou na bagagem "a certeza de que repercutirá esta luta pelo Mundo". Para tal, já conseguiu autorização para levar o cacique Txucarramãe Raoni e seu sobrinho Megaron para Paris em 12 de abril para, também com o cineasta belga Jean-Pierre Duttillieux, de 38 anos, lançar a campanha mundial pró-Fundação, inclusive com arrecadação de fundos:

— É um pouco assustador no começo. Tudo vai depender também de quanto dinheiro fizermos. Se for muito, será ainda maior a responsabilidade. Por isto me sinto também agitado, excitado e ansioso. Mas quero que funcione bem todo este esquema, pois é preciso deixar bem claro onde começa e onde termina a terra dos índios.

Em seu último dia no Brasil, Sting, na tentativa de se isolar e descansar antes de ir ver a família em Londres, se hospedou no Arpoador Inn, um hotel de três estrelas. "Ele achou o máximo, depois do tempo que passou em Altamira", comentou a as-

sessora de imprensa da Fundação, Gilda Mattoso, que exercia o mesmo cargo na gravadora Polygram. Sting, que deu entrevistas à tarde e pela manhã, foi à praia no Arpoador, à noite ainda se sentia cansado e só após um banho, do qual emergiu com os longos cabelos um tanto molhados e um forte e ativo cheiro de perfume, falou com o GLOBO. E foi incisivo ao comentar sua ida ao 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira:

— Foi mentira dizerem que fui expulso pelos índios. Houve uma tentativa política de fazer um futebol com as nossas boas intenções. Mas isto se tornou irrelevante. Foi uma mentira inútil, já explicada por Raoni, que se indignou e até ameaçou correr atrás de mentirosos com sua borduna. E isto, em entrevista, perguntando a jornalistas a razão de terem mentido. Para mim, não chegou a ser surpresa, pois sei que existe a mídia boa e a má, manipulada. O pior é que a mentira corre o Mundo quatro vezes mais rápido do que a verdade. Mas este episódio foi só um grãozinho dentro de um grande sucesso.

Mas o sucesso demorou a aparecer. O diretor Jean-Pierre Duttillieux contou que levou cinco anos para convencer Sting a ir à Amazônia:

— Ele é superocupado e vive sendo procurado por centenas de pessoas que querem que endosse mil

causas. Mas ele se interessou pela Amazônia e o apresentei a Raoni. Até Sting vir aqui para oficializar a campanha e conversar com o Presidente Sarney, muita coisa aconteceu.

Quando à conversa de duas horas de Sting com Sarney e as críticas no sentido de que George Bush certamente nunca receberia um cantor brasileiro para conversar, por exemplo, sobre o programa "Guerra nas estrelas", Jean-Pierre disse "tratarem-se de duas pessoas diferentes":

— E não foi fácil falar com Sarney. Por outro lado, quem pode afirmar que Bush não receberia um Gilberto Gil?

Apesar de não ter ouvido a indagação de Jean-Pierre, Sting neste ponto chegou a fazer piada, às gargalhadas:

— Mas o Presidente americano não receberia nem a mim. Por isto nossa conversa foi um grande ponto a favor de Sarney, e a meu favor também.

Voltando a ficar sério, Sting elogiou a "atitude diplomática" de Sarney, frisando que a Fundação não é ligada ao Governo mas "precisa de sua permissão para agir":

— A Fundação é feita por quatro amigos: eu, Jean-Pierre, Raoni e Megaron. E termos recebido permissão para agir é um grande passo. Sei que

os problemas são brasileiros e que podem ser resolvidos por brasileiros, mas quero ajudar. Sei que ainda ocorrerão outras dificuldades, mas não posso deixar de me sentir satisfeito com o que já conseguimos.

Com a intenção de "galvanizar o povo, levando-o todo atrás dos objetivos da Fundação", ele afirma já se sentir também neste ponto bem-sucedido.

— Levo a impressão exata de que o povo está dando seu apoio total. Eu já vim ao Brasil diversas vezes, este é um País que amo, mas nunca havia feito uma viagem tão interessante quanto esta. Morei numa aldeia indígena por uma semana, passei dois dias com fazendeiros, também com garimpeiros, e estive em cidades muito pobres, como Altamira. Vi quão pobre pode ser uma pessoa e como é difícil a vida lá. Fiquei com pena de pessoas obrigadas a irem para a selva por não terem oportunidade na cidade. Ainda conversei com políticos, e foi superinteressante.

De sua semana na selva, Sting sentiu um grande inconveniente: os insetos. Fora eles, acentou, "tudo é um paraíso; mas, à noite, o paraíso é só deles", enfatizou, rindo:

— Enquanto você dorme, eles comem você. Contei cem mordidas numa perna, cem na outra também, e fiquei com as costas parecendo uma lua cheia, de tantas picadas. E uma

loucura ir para a selva na estação de chuvas. Agora, a melhor coisa da selva é que ninguém ligava para o meu autógrafo.

De poucos gestos, mas sempre com o riso largo, Sting ainda fez piada com o fato de não ter ido receber o Grammy, em Los Angeles, no último dia 21, quando ganhou o prêmio de melhor produção, com o álbum "...Nothing like the sun". ("Nada como o sol"):

— Era mais divertido estar no Xingu com os índios do que vestido como um pinguim para receber o Grammy. E, além disto, já tenho dez Grammy. Na verdade, tinha três indicações, mas só soube que ganhei o prêmio de melhor produção dias depois que sai da selva. E é evidente que mereci o Grammy por ter passado noites com insetos.

Levando lembranças de sua passagem pelo Brasil na bagagem, Sting no último dia procurou fazer contato com o cartunista Chico Caruso, para conseguir uma cópia de uma charge publicada no GLOBO. Ela o exibiu sério e concentrado, examinando o mapa do Brasil, enquanto Sarney, ao lado, pulava com uma guitarra. Feliz por haver conseguido a cópia, Sting ainda contou com mais uma dose da veia crítica de Chico Caruso, que escreveu sobre a charge: "Sting, Sting — What are they doing?" (O que eles estão fazendo?)